

## OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS E A NOTÍCIA

Pollyanna Honorata SILVA

Universidade Federal de Uberlândia  
pollyhs@uol.com.br

**RESUMO:** Na realização de qualquer atividade, em qualquer profissão, deparamo-nos com gêneros que são necessários para a realização de tarefas diversas. Dentro da esfera jornalística não é diferente. Os profissionais dessa área precisam ter o domínio de certas categorias de texto para a realização de seu trabalho e para uma comunicação entre si e com seus leitores na sociedade. Nesse contexto, este trabalho, resultado de uma pesquisa de mestrado, pretende contribuir para a construção de uma teoria tipológica de textos, a partir da análise de três jornais e duas revistas, respectivamente: *A Folha de S. Paulo* (FSP), *O Estado de S. Paulo* (ESP), *Estado de Minas* (EM), *Veja* e *Época*. Neste trabalho apresentamos: 1. um levantamento das categorias de texto presentes dentro da esfera de atividade jornalística, ou dentro da comunidade discursiva jornalística, segundo a teoria tipológica de Travaglia (2003b); 2. uma caracterização dessas categorias de texto, classificando-as como jornalísticas ou não-jornalísticas; 3. uma definição do gênero notícia, uma categoria de texto considerada o gênero base do jornalismo. Para a classificação das categorias de texto, foi utilizado o conceito de comunidade discursiva proposto por Swales (1990), bem como a diferenciação entre gênero, suporte e canal, proposta por Marcuschi (2003).

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero; notícia; comunidade discursiva; suporte.

### 1 Introdução

Em nossa sociedade, frequentemente nos deparamos com a circulação de gêneros textuais cuja classificação é tida como consensual e isenta de problemas. É o que acontece quando nos questionamos *o que é um gênero jornalístico*. Segundo o senso comum, gêneros jornalísticos são textos que são publicados em jornais e revistas e ainda podem aparecer nos telejornais. Essa classificação, porém, nos parece muito simplista e não revela a constituição do gênero e suas razões de existência. Segundo esse ponto de vista generalizante, tudo que é publicado nos jornais e revistas seria um gênero jornalístico, o que nos parece um equívoco e uma visão que não nos apresenta um conhecimento preciso. Mas isso não significa que acreditamos em um conhecimento absoluto, único e fechado em uma verdade, mas acreditamos em um conhecimento objetivo e que nos aponta critérios e parâmetros – provisórios e históricos - de definição de gêneros.

Diante dessa problemática, este trabalho pretende contribuir para a construção de uma teoria tipológica de textos, apresentando critérios de definição e classificação dos gêneros jornalísticos e da notícia, considerada o texto jornalístico por excelência. Para tal, apresentaremos uma análise qualitativa do seguinte *corpus*:

A) Sete exemplares dos jornais *A Folha de S. Paulo* (FSP), *O Estado de S. Paulo* (ESP), *Estado de Minas* (EM), de segunda a domingo de uma semana específica (de 21/11/2005 a 27/11/2005);

B) Revista *Veja*: a) ano 34, nº 6, edição 1687, 14/02/2001; b) ano 37, nº 50, edição 1884, 15/12/2004; c) ano 38, nº 31, edição 1916, 03/08/2005; d) ano 39, nº 7, edição 1944, 22/02/2006;

C) Revista *Época*: a) nº 396, 19/12/2005; b) nº 398, 02/01/2006; c) nº 400, 16/01/2006; d) nº 406, 27/02/2006.

Partimos da hipótese de que deve haver princípios linguísticos organizadores dos textos jornalísticos, conferindo-lhes uma certa especificidade em relação a textos não-jornalísticos e diferenciando-os entre si. Além disso, também assumimos a hipótese de que a notícia é o gênero jornalístico por excelência e dela são derivados muitos gêneros que são, na verdade, várias formas de realização da notícia.

O texto do anexo A ilustra a problemática que estamos colocando, pois é um texto que à primeira vista seria definido como uma notícia ou reportagem, mas, quando analisamos mais profundamente, não se trata desse gênero, segundo os critérios que acreditamos serem pertinentes para a delimitação do que seja uma notícia ou uma reportagem.

## 2 Gêneros Jornalísticos e Linguística Textual

Este trabalho situa-se no campo da Linguística Textual, e a teoria tipológica que norteia a análise é a de Travaglia (2003b), que postula a existência de três classes de texto, de natureza distinta, cuja distinção é fundamental para a análise das categorias de texto existentes na sociedade.

Segundo o autor, uma categoria de texto é um termo que designa

[...] qualquer classificação que uma sociedade ou cultura dêem a um texto, tipologizando-o. O elemento tipológico<sup>3</sup> identifica uma classe de textos que têm uma forma, estrutura, conteúdo, estilo, funções, etc., mas distintas das características de outros elementos tipológicos, o que permite diferenciá-los. São exemplos de elementos tipológicos em nossa sociedade e cultura brasileiras: descrição, dissertação, injunção, 3 Como a teoria de Travaglia (2003b) para tipologias textuais encontra-se em constante construção, o termo elemento tipológico, citado pelo autor em 2004, hoje recebe a denominação de categorias de texto. narração, argumentação *stricto sensu*, predição, romance, novela, conto, fábula, parábola, caso, ata, [...] (TRAVAGLIA, 2004, p. 147).

As três naturezas de textos propostas por Travaglia (2003b) são: **tipo, gênero e espécie**; que são chamadas pelo autor de **tip elementos**, termo genérico utilizado para se referir a qualquer um desses elementos.

### 2.1 O tipo

O **tipo** é uma maneira de interlocução usada por um interlocutor, que pode adotar perspectivas diversas. A primeira das perspectivas apontadas pelo autor é aquela em que o locutor se coloca em relação ao objeto do dizer na perspectiva do conhecer/saber ou fazer/acontecer, inserido ou não no tempo e espaço. Dessa postura do produtor do texto derivam os tipos que são nomeados por **descrição, dissertação, narração e injunção**.

Quando a perspectiva do produtor do texto é dada pela imagem que este faz do seu receptor como alguém que concorda ou não com ele, há o discurso da transformação (quando não há concordância), ou da cumplicidade (quando há concordância), estabelecendo-se, respectivamente, os tipos **argumentativo *stricto sensu*** e **argumentativo não *stricto sensu***.

Essa nomenclatura, que opõe a argumentação *stricto sensu* à não *stricto sensu*, deixa-nos claro que o autor parte do princípio de que todo texto pode ser considerado argumentativo (no sentido *lato*), na medida em que nenhum gênero surge sem nenhum propósito, sem exprimir nenhuma opinião ou juízo de valor.

Apresentamos acima duas tipologias de texto segundo a perspectiva adotada, incluindo a narração, descrição, dissertação e injunção em uma tipologia distinta do texto argumentativo, ao contrário do que ocorre em outras classificações já existentes.

Essa característica é um dos motivos da adoção dos pressupostos teóricos de Travaglia (2003b), uma vez que, separando esses tipos em classificações/tipologias distintas, o autor esclarece a existência, por exemplo, de textos ao mesmo tempo descritivos/argumentativos; visto que reconhece o **cruzamento de tipos** (um texto pode realizar simultaneamente tipos de tipologias estabelecidas por perspectivas – critérios - diversos, como os exemplificados anteriormente), não considerando esse cruzamento como um novo tipo e evitando incoerências taxonômicas.

## 2.2 O gênero

O **gênero**, segundo Travaglia (2003b), se caracteriza por exercer uma função social específica de comunicação. Desse modo, em cada gênero há uma função sociocomunicativa, cuja explicitação, segundo o autor, muitas vezes é bastante complexa.

Os vários gêneros com a mesma função básica vão se distinguir por outros elementos das condições de produção tais como produtor, receptor, comunidade discursiva e/ou instituição, etc.

O gênero, portanto, possui uma natureza social, exterior ao texto, à concretude das palavras. É o que percebemos quando analisamos a vasta literatura a respeito do termo *gênero*, o qual sempre possui um aspecto social e histórico, que pretendemos ressaltar e assumir neste trabalho, haja vista a importância dos gêneros jornalísticos na sociedade.

Bazerman (2005) parte de uma perspectiva sócio-interativa, relacionando os gêneros a fatos sociais, já que um interfere na constituição do outro, de uma maneira recíproca. Nessa perspectiva, os gêneros ao mesmo tempo criam (e tipificam) fatos sociais e têm a sua existência e composição influenciada por esses fatos.

Nessa perspectiva social de análise do gênero não podemos nos esquecer de Bakhtin (1997), precursor dos estudos do gênero e segundo o qual

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra **esfera da atividade humana**. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma **dessas esferas**. (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Situando o gênero dentro de uma esfera de atividade humana e como um tipo de enunciado, o autor postula três características inerentes aos gêneros: a) conteúdo, b) estilo verbal e c) construção composicional. Esse conceito de gênero assemelha-se ao que para Travaglia (2003b) constituem-se nas categorias de texto, ou seja, gênero na perspectiva bakhtiniana corresponde às categorias de texto para Travaglia (2003b), incluindo as três classes de textos postuladas por ele como tipo, gênero e espécie.

## 2.3 Espécie

De acordo com a teoria a teoria que adotamos, uma espécie é uma categoria de texto que se define por características formais, de superestrutura, por exemplo, e de conteúdo. Um exemplo de espécie é o soneto, que se caracteriza como tal porque possui uma estrutura típica:

dois quartetos e dois tercetos. Temos ainda as narrações do tipo história e não-história como exemplos de espécie, as primeiras possuem os fatos encadeados entre si e conduzindo a um resultado, já nas segundas os fatos/acontecimentos não apontam para um determinado direcionamento e não estão em uma sucessão cronológica.

Os textos jornalísticos analisados foram classificados como gêneros, constituídos por tipos ou espécies, de acordo com o arcabouço teórico explanado acima.

### 3 Estabelecendo Critérios de Definição

Nossa proposta de definição e classificação dos gêneros jornalísticos considera, além da teoria tipológica supracitada, o conceito de comunidade discursiva jornalística, proposto por Swales (1990), e a diferenciação de Marcuschi (2003) entre suporte, canal e serviço.

Segundo Swales (1990), temos seis critérios de definição de uma comunidade discursiva:

1. A discourse community has a broadly agreed set of common public goals;
2. A discourse community has mechanisms of intercommunication among its members;
3. A discourse community uses its participatory mechanisms primarily to provide information and feedback;
4. A discourse community utilizes and hence possesses one or more genres in the communicative furtherance of its aims;
5. In addition to owning genres, a discourse community has acquired some specific lexis;
6. A discourse community has a threshold level of members with a suitable degree of relevant content and discursal expertise (SWALES, 1990, p. 24-27).<sup>1</sup>

Partindo desses critérios, acreditamos na existência da comunidade discursiva jornalística porque ela possui pessoas com conhecimentos específicos, que possuem um objetivo público comum e que produzem gêneros específicos (com léxico também específico) para a comunicação entre si e com outras pessoas fora da comunidade.

Em relação à teoria de Marcuschi (2003), o linguista parte da idéia central de que todo gênero se atualiza num suporte, embora este muitas vezes não seja facilmente identificável. Sendo assim, o suporte é indispensável para a circulação do gênero e é definido pelo autor, intuitivamente, “como um lócus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCUSCHI, 2003, p. 3). Ou, ainda, “suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto” (MARCUSCHI, 2003, p.3).

Essa concepção nos mostra que o suporte possui uma materialidade, um formato específico e serve para fixar o texto e torná-lo acessível. Apesar de propor um conceito, Marcuschi afirma ser complexa a conceituação e a identificação do suporte, que pode ser: **convencional e incidental**. O primeiro é criado para o fim de fixar e portar textos, já o segundo adquire essa função acidentalmente. Como exemplo de **suportes convencionais** temos: livro em papel, livro didático, jornal (diário), revista de informação (semanal, mensal), revista científica (boletins e anais), quadro de avisos, outdoor, encarte, folder, luminosos, faixas e livro eletrônico. Existem ainda entidades que podem ser ora suportes ora meios, são elas: rádio, televisão e telefone.

---

<sup>1</sup> 1. Uma comunidade discursiva possui um conjunto de objetivos públicos comuns; 2. Uma comunidade discursiva possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros; 3. Uma comunidade discursiva usa seus mecanismos de participação primeiramente para fornecer informação e “feedback”; 4. Uma comunidade discursiva utiliza e, portanto, possui um ou mais gêneros no desenvolvimento comunicativo de seus objetivos; 5. Além de gêneros próprios, uma comunidade discursiva adquire um léxico específico; 6. Uma comunidade discursiva possui membros iniciantes com um grau adequado de conteúdo relevante e capacidade discursiva.

Dentre os **suportes incidentais** estão: embalagens, pára-choque e pára-lamas de caminhão, roupas, corpo humano, paredes, muros, paradas de ônibus, estações de metrô, calçadas, fachadas e janelas de ônibus. E, por fim, existem os **serviços**: Correios, e-mail, mala direta, internet, *homepage* e portal.

Quando analisamos a influência do suporte na constituição do gênero, percebemos que a relação do leitor com o gênero pode variar de acordo com o suporte. Segundo Possenti (2002 apud MARCUSCHI, 2003), Chartier acredita que se lê de forma diversa o mesmo texto quando está em suportes diversos, não no sentido de se compreender diferentemente o texto e sim no sentido de se manter com ele uma relação diferente, ou seja, há uma relação diferente, por exemplo, ao se ler um edital de concurso num jornal ou na internet, pois no jornal podemos fazer anotações, sublinhar etc., interferindo no texto, mas na internet isso já não é possível, sendo necessário para tal a impressão do texto.

Em suas considerações finais, Marcuschi enfatiza o fato da necessidade de mais estudos aprofundados a respeito dos suportes, pois nem sempre a sua identificação e diferenciação de outras categorias (gênero, serviço, canal, evento) são claras e objetivas.

Partindo, então, dessa diferenciação entre gênero, suporte, canal e serviço, somada aos critérios de Swales (1990), entendemos como gêneros jornalísticos aqueles textos que fazem parte da comunidade discursiva jornalística e para os quais o jornal escrito e a revista funcionam, essencialmente, como suporte e primeiro lugar de fixação e divulgação de seus conteúdos, e não como serviço ou canal.

Portanto, são critérios de análise das categorias de texto encontradas nos jornais e revistas:

1) O fato de pertencerem à comunidade discursiva jornalística, ou seja, de serem produzidos por um profissional especializado, que possui, juntamente com outros membros, um objetivo público comum (que no caso dos jornalistas é informar a população sobre os mais variados acontecimentos) e que produz gêneros específicos para o alcance desse objetivo (como a notícia, que é produzida para fazer o leitor conhecer um determinado acontecimento);

2) O fato do jornal ou revista funcionar como suporte e não como um serviço ou canal. Neste último caso podemos ter gêneros produzidos por profissionais de outras comunidades discursivas e que têm o jornal mais como meio de divulgação a mais do que fixação de seu conteúdo e reflexo de uma atividade profissional de um certo grupo social.

Partindo desses critérios, das 32 categorias de texto encontradas nos jornais e revistas, classificamos como jornalísticas: 1) carta ao leitor; 2) cartas dos leitores; 3) chamadas; 4) editorial; 5) entrevista; 6) errata; 7) índice; 8) notícia ou reportagem; 9) “ombudsman”; 10) perfil; 11) texto-legenda; 12) textos informativos. Para todos esses textos, o jornal e a revista funcionam mais como um suporte do que um serviço ou canal, pois são os principais meios de fixação e divulgação dos mesmos; além de serem produzidos por membros da comunidade discursiva jornalística.

Como não-jornalísticos, classificamos os textos: 1) artigo (de política, opinião, economia, informática e ciência); 2) boletim meteorológico; 3) classificados; 4) crônica; 5) edital; 6) horóscopo; 7) indicadores econômicos; 8) nota de falecimento/obituário; 9) palavras cruzadas; 10) propaganda; 11) roteiro/programação televisiva ou não (“Filmes da semana”, “Novelas da Semana”, “Filmes de Hoje”, “Exposições”, “Espetáculos de dança e teatro”, etc); 12) charges; 13) tiras ou quadrinhos; 14) resenha ou crítica; 15) receita culinária; 16) sinopses de filme; 17) dicas de filmes e livros; 18) testes; 19) balancetes de empresas; 20) resumo de livro. Uma caracterização tanto dos gêneros jornalísticos quanto dos não-jornalísticos pode ser encontrada em Silva (2007).

## 4 O gênero notícia

Nos manuais de redação e estilo publicados por jornais, não encontramos uma definição da notícia como gênero, mas dicas de como escrever uma notícia (uso de “lead”, investigação dos fatos, objetividade etc).

Quanto ao seu conteúdo, a notícia se caracteriza pelo fato de dar a conhecer aos leitores fatos e acontecimentos tanto atuais como mais remotos (notícia histórica), seja de uma maneira mais breve (através das notas) ou mais extensa. Não relacionamos, portanto, a notícia apenas a novidades, pois temos também notícias sobre acontecimentos não tão recentes e de caráter não tão inusitado, como ocorre na espécie de notícia aqui nomeada *fait-divers*, em que podemos ter relato de fatos mais “fúteis”, tendo em mente acontecimentos históricos e políticos.

Delimitamos como função sociocomunicativa da notícia: estabelecer a comunicação entre os membros da comunidade discursiva jornalística e leitores de jornais e revistas, através da divulgação de fatos e acontecimentos novos ou mais remotos (tanto no âmbito regional quanto nacional e mundial), informando a população sobre algo ou alguém; refletindo, assim, a ação social dos jornalistas que se refere ao compromisso ético e profissional de transmitir informações.

Embora alguns autores diferenciem notícia de reportagem, consideramos que toda reportagem é uma notícia, porém, mais elaborada. Segundo Lage apud Coimbra (1993, p. 9): “enquanto o primeiro (a notícia) cuida da cobertura de um fato ou de uma série de fatos, o segundo (reportagem) faz um levantamento de um assunto, conforme ângulo preestabelecido”. E, ainda, Medina, C. apud Coimbra (1993, p. 9): “o que distingue a notícia da grande reportagem é o tratamento do fato jornalístico, no tempo de ação e no processo de narrar”.

Além de ser definida por um conteúdo específico (fato/acontecimento - recente ou não, importante ou “fútil”), a notícia também se caracteriza pela sua organização textual específica ou estrutura composicional, a qual permite que a identifiquemos e a distingamos de outros textos, jornalísticos ou não.

Essa organização textual, aqui entendida como superestrutura textual, embora possa sofrer variações e mudanças e não seja rígida e inflexível ao extremo, confere uma regularidade de forma e conteúdo (já que as categorias estruturais são preenchidas por conteúdos semânticos) ao texto noticioso, tornando possível o seu conhecimento pelas pessoas, quer sejam jornalistas ou não.

Dentre as categorias da superestrutura da notícia propostas por Van Dijk (1986)<sup>2</sup>, aquela que mais identifica, à primeira vista, uma notícia é o Sumário/Resumo,

<sup>2</sup> Segundo o autor, toda notícia possui as seguintes categorias de superestrutura: **1) Summary – Sumário/Resumo:** Dentro dessa categoria encontramos duas categorias: “**Headline**” (**Manchete e Linha Fina**), que é editada no “topo” da notícia, com letra diferenciada do resto do texto, e o “**Lead**”, que repete a macroproposição declarada na “headline” e ocorre na primeira sentença ou parágrafo da notícia e deve responder às perguntas Quem? O quê? Onde? Quando? e Como? , revelando ao leitor o evento principal e seus envolvidos, facilitando assim a compreensão do texto; **2) Episódio - Eventos ou Acontecimentos:** Essa é uma categoria bastante complexa, pois pode abranger um ou mais **Evento Principal (EP)** e outros eventos, que aqui chamaremos de **Secundários (ES)**. **3) Background:** Essa categoria, portanto, é responsável pelo ativamento de modelos situacionais (“situation models”) da memória, ou seja, o leitor, em contato com essas informações, ativa seus conhecimentos acumulados a respeito do assunto em questão. Existem dois tipos de “Background”: o **presente (Contexto)**, que corresponde à situação atual em que o evento ocorre, e o **passado (História)**, que informa o leitor sobre circunstâncias anteriores ao evento principal e faz um levantamento histórico sobre o contexto maisremoto que ocasionou a situação atual e seu(s) evento(s). **4) Episódio - Conseqüências:** as conseqüências dos eventos podem revelar a importância destes e, muitas vezes, jornalistas incluem no texto informações sobre fatos e ações que seguem os eventos, ressaltando assim a sua importância. Essas conseqüências também podem ocorrer através de **reações verbais (“verbal reactions”)**, que correspondem a

especificamente a Manchete e a Linha Fina (“Headline”). De fato, quando nos deparamos com essas duas categorias, que geralmente possuem uma fonte diferenciada do corpo da notícia, logo fazemos a previsão de que se trata de uma notícia.

Porém, nem sempre isso ocorre, já que encontramos, por exemplo, entrevistas e artigos com Manchete e Linha Fina. Percebemos, portanto, que a categoria “Headline” não é suficiente para a caracterização de uma notícia, como nos mostra o anexo A, o qual não se configura numa notícia, uma vez que seu conteúdo temático não expressa o relato de um fato/acometimento, novo, contemporâneo ou remoto.

Uma vez que toda notícia deve conter esse relato, esse conteúdo temático inerente a todo texto noticioso está intimamente relacionado à categoria **Evento Principal (EP)**, que, por sua vez, realiza o tipo narrativo, já que o relato de um evento só se dá por meio do narrar, e não do dissertar, do descrever, do argumentar ou da ordem (injunção); embora a narração possa conter descrições, argumentações, dissertações e injunções.

Desse modo, a categoria necessária e suficiente para identificarmos uma notícia é o EP, sendo as demais categorias opcionais. Como as categorias são preenchidas por macroproposições semânticas, que são extraídas do texto a partir de macrorregras (de generalização ou de resumo), a notícia se dá a partir de uma macroproposição que realiza o tipo narrativo, sem o qual não teríamos um relato de um fato/acometimento, seja numa narração presente, passada ou futura.

Sendo assim, diante de textos que aparentemente configuram-se como notícias, temos que considerar se podemos ou não extrair desses textos um EP, representado por uma macroproposição semântica (a partir de um resumo) predominantemente do tipo narrativo. Caso contrário, não estaremos diante do gênero notícia, mas de outros gêneros quaisquer, haja vista a grande dinamicidade e variação que apresentam os gêneros jornalísticos e a difícil distinção da notícia de artigos e espécies de artigos (como resenhas/críticas).

Quanto ao estilo verbal, a notícia não apresenta nenhuma especificidade significativa, pois suas características de superfície linguística estão relacionadas, de um modo geral, à simplicidade e objetividade, características que não são necessárias nem suficientes para identificarmos um texto noticioso.

Estabelecemos, portanto, que uma notícia é definida e identificada a partir das seguintes características e parâmetros de análise:

1. Pertencer à comunidade discursiva jornalística, ou seja, ser produzida, sem qualquer dúvidas, por um jornalista; que possui um conhecimento especializado e produz gêneros específicos para a comunicação interna entre seus parceiros e com seus leitores;
2. Ter o jornal ou a revista como suporte e não como serviço ou canal, na medida em que ambos os meios de comunicação funcionam como fixadores e não como mero divulgadores circunstanciais do gênero;
3. Exercer a função sociocomunicativa de estabelecer a comunicação entre os membros da comunidade discursiva jornalística e os leitores do jornal/revista, informando a população sobre fatos e acontecimentos atuais ou remotos, importantes ou “fúteis”;
4. Ter como conteúdo o relato de um fato/acometimento, seja no presente, passado ou futuro;
5. Apresentar uma estrutura composicional que realize no mínimo a categoria de Evento Principal (EP), que é predominantemente do tipo narrativo.

Pudemos perceber que existem várias formas de realização dessa notícia definida acima, ou seja, existem várias maneiras de realização de um texto que pertence à comunidade

---

declarações dos envolvidos na notícia sobre as implicações do Evento Principal. **5) Comentário:** essa categoria confere ao texto noticioso uma certa subjetividade, embora se siga o pressuposto de que haja uma opinião impessoal na notícia. Os comentários podem ser: **Expectativas** - referências a eventos futuros - e **Avaliações**, expressões avaliativas (bom, ruim, felizmente, infelizmente, etc).

discursiva jornalística, exerce a função sociocomunicativa acima, possui o jornal e revista como suportes, realiza, no mínimo, a categoria de Evento Principal e relata um fato/acontecimento. Essas variações na forma do texto noticioso chamamos de “faces” da notícia, que são na verdade espécies vinculadas ao gênero notícia.

## **5. Espécies ou “faces” da notícia**

### **5.1 Notícia-típica**

A face mais típica de notícia, aquela que é citada por teóricos da comunicação e aquela analisada por Van Dijk (1986) é a notícia que realiza todas as categorias propostas por esse linguista, da maneira mais convencional, ou seja, na seguinte ordem de realização: 1. Sumário/Resumo (“Headline” e Lead), 2. Evento principal, 3. Background, 4. Conseqüências e 5. Comentário.

Essa espécie de notícia, geralmente, desenvolve um tema relacionado à política, (economia, agronegócios, eleições, ect) e tende a realizar primeiro o “Lead” e Evento Principal, embora este geralmente não seja seguido de um “Background”, como ocorre no anexo B.

### **5.2 Sub-retranca**

A sub-retranca aqui é entendida como uma notícia paralela a uma notícia principal, da qual realiza uma categoria específica como “Background” ou Comentário, geralmente em uma configuração específica, como o formato *Box* e a presença de título e, menos recorrente, de chapéu.

Essa definição se confirma em Van Dijk (1986), que postula a existência de um texto que realiza categorias de um outro texto noticioso, como o Editorial, que, segundo o autor, é responsável pela categoria de Comentários, inserindo as expectativas e avaliações do jornal a respeito de um ou mais eventos.

Como a *sub-retranca* é aqui proposta como uma das faces da notícia ou uma espécie vinculada ao gênero notícia e ao tipo narrativo, é também um texto noticioso, pois dele extraímos um fato/acontecimento, porém em um formato gráfico diferente da notícia-típica.

Como desenvolve uma categoria específica da notícia à qual está vinculada, a *sub-retranca* possui o mesmo EP da notícia principal, texto este com o qual possui estreita relação semântica e que é indispensável para o estabelecimento da coerência na *sub-retranca*. É exemplo dessa espécie de notícia o anexo C.

### **5.3 Chamada**

A Chamada alerta os leitores sobre os principais textos do jornal, tudo aquilo que o editor da capa do jornal, seja a página 1 ou a capa de cadernos, considera ser importante, de destaque. Embora os teóricos da Comunicação se refiram basicamente ao jornal, as chamadas também ocorrem nas revistas.

As Chamadas são uma espécie de notícia porque relatam, embora resumidamente, um fato/acontecimento, além de atenderem aos outros critérios de definição de notícia; diferenciando-se da *notícia-típica* pela sua localização (sempre nas capas das revistas, dos jornais ou dos cadernos destes), pela presença de imagem (embora não em todos os casos) e por conter a indicação, ao final, da localização da notícia anunciada.

Pelo fato de terem também a função de chamar a atenção do leitor para vários fatos e acontecimentos, as chamadas são bastante breves e, geralmente, são constituídas de um título ou Manchete (com menos recorrência há uma Linha Fina e/ou Chapéu). O anexo D é um exemplo de chamada.



## 5.4 Frases

Nas revistas, as frases têm uma seção específica (“Veja essa”, na revista *Veja*, e “Dois Pontos”, na *Época*), nos jornais não têm um lugar específico, porém sempre estão relacionadas a uma notícia da página em que ocorrem e podem ocorrer acompanhadas de imagens e sob o título “Frases”, fato que nos levou à nomeação dessa espécie de notícia.

Essas frases são uma espécie de notícia indireta, pois, ao invés de o jornalista transcrever em discurso indireto a fala de alguém, ele a transcreve na íntegra, o que revela um certo descompromisso do jornal/revista com o conteúdo veiculado, embora o comentário e a própria escolha da fala nos mostre, mais uma vez, que a objetividade e a isenção jornalística parecem não existir.

O que difere as “frases” das *notícias-típicas*, portanto, é a presença de um discurso direto, como se o “jornalista-narrador”, em seu relato, abrisse dois pontos antes da frase, que inclusive aparece sempre entre aspas.

Quanto à superestrutura, propomos as seguintes categorias:

1. **Comentário 1 (obrigatória)** – em que há o relato em si, entre aspas, da fala de alguém, geralmente uma celebridade ou pessoa que se destacou por algum feito;

2. **Situação (obrigatória)** – em que há a descrição do “dono” da frase, com seu nome, profissão, idade, local de nascimento, etc;

3. **Comentário 2 (pode aparecer ou não)** – em que há um comentário do jornalista a respeito da fala, apresentando a situação em que foi proferida e, às vezes, inserindo um juízo de valor, muitas vezes numa aparente imparcialidade.

Segundo nossa proposta de superestrutura para as “frases”, podemos constatar-la no anexo E.

## 5.5 Notas e *fait-divers*

Essa categoria de texto, de caráter inusitado e pouca relevância, apresenta uma extensão bastante curta, constituindo-se em pequenos textos reunidos numa seção específica sob um título ou vários subtítulos.

Desse modo, o que chamamos de *fait-divers* refere-se a pequenas notícias que dão a conhecer um fato/acontecimento bastante novo, interessante e um tanto fútil, tendo em mente fatos políticos, econômicos e sociais que dizem respeito às diretrizes políticas de uma determinada região.

Porém, admitimos que esse conteúdo possa aparecer, também, num texto maior, um relato de um fato/acontecimento inusitado com grande atrativo para o leitor, uma espécie de “fofoca institucionalizada”, mas essas notícias ou “grandes” *fait-divers* são encontradas em revistas especializadas em curiosidades sobre celebridades, como *Caras* e *Contigo*, as quais não fazem parte do nosso *corpus* de análise.

Além do *fait-divers*, constatamos também a existência de pequenas notícias, publicadas em seções específicas e com títulos ou subtítulos, porém, com conteúdo diferente, não tão inusitado e não satisfazendo uma curiosidade; mas um conteúdo que expressa o relato de um fato/acontecimento político ou econômico, por exemplo.

A essa categoria de texto, que corresponde a outra espécie de notícia, chamamos de **nota**, que corresponde, a grosso modo, a uma notícia-típica de pequena extensão e publicada em seções específicas e com títulos ou subtítulos.

Embora tenhamos constatado a regularidade das notas e dos *fait-divers* em seções e cadernos específicos, esses textos não possuem um lugar de ocorrência muito fixo, pois podem ser editados em qualquer caderno ou em qualquer espaço das revistas, geralmente em conjunto, sobre um mesmo tema, ou com um tema geral e subtemas mais específicos, que

dividem e agrupam os textos em um mesmo assunto, como ocorre na seção Radar, da revista Veja, que corresponde a um conjunto de notas.

Quanto à superestrutura, esses textos têm sempre uma Manchete ou título (às vezes um subtítulo) e, geralmente, realizam as categorias de “Lead”, Evento principal, Evento Secundário, Comentário e Consequências, seguindo a ordem proposta por Van Dijk (1986) que segue o princípio da relevância. O anexo F é um exemplo de nota.

### **5.6 Memorial**

O que diferencia o “memorial” da *notícia-típica* é o fato de seu conteúdo semântico, seu EP, assumir um caráter histórico, não se trata de um fato/acontecimento contemporâneo, futuro ou remoto, mas o evento divulgado torna-se um marco histórico, tanto para o local onde ocorreu quanto para o jornal que o publica.

O que importa não é a realização de uma categoria ou outra ou a ordem de realização dessas categorias da superestrutura da notícia, seja qual for a estrutura composicional dessa espécie de notícia, ela se define pelo status histórico que adquire com a sua publicação. Como exemplo de “memorial” temos o anexo G.

### **5.7 Texto-legenda**

O texto-legenda é uma espécie de notícia que se caracteriza pela presença de uma foto e um texto que a explica e relata o fato/evento noticiado. Os textos-legendas podem funcionar como chamadas, como o anexo H.

## **6 Considerações sobre a classificação**

Como partimos do pressuposto de que toda proposta de definição e classificação de gêneros não deve ser entendida como uma tentativa de “encapsulamento” dos mesmos, pois isso desconsideraria seu caráter dinâmico, principalmente dos gêneros jornalísticos; e como nosso trabalho não esgota o tema nem possui essa pretensão, devemos registrar algumas considerações a respeito do que foi exposto acima.

Poderíamos ter optado por uma classificação/definição de gênero jornalístico que evidenciasse o binarismo vender/não-vender, sob um ponto de vista da área publicitária, sub-área da Comunicação como o Jornalismo. Desse modo, teríamos aqueles textos que seriam publicados como um atrativo a mais, para aumentar o número de jornais vendidos, sendo um diferencial. Esses textos poderiam até ser produzidos ou editados por jornalistas, mas teriam a função sociocomunicativa de fazer vender mais jornal, o qual funcionaria mais como um serviço ou canal do que como suporte. Nesse contexto, não seriam gêneros jornalísticos os Classificados, Indicadores Econômicos, Boletim Meteorológico, Roteiro/Programação e os demais gêneros de difícil classificação como jornalísticos.

Porém, optamos pela problematização desses gêneros explanada acima, pelo fato de termos mais respaldo teórico e pelo fato de que, embora o Boletim Meteorológico, os Classificados e o Roteiro/Programação, por exemplo, possam ser divulgados em outros meios de comunicação (como rádio, tv, internet) e possam ser vistos apenas como recursos para aumentar a venda do jornal (um atrativo a mais), eles possuem uma certa regularidade, ou seja, possuem um espaço específico no jornal há algum tempo, fazendo parte de uma atividade social específica. Como vimos, gêneros jornalísticos são bastante flexíveis e procuram atender à função de transmitir informações e promover a comunicação e o que é um gênero jornalístico hoje pode não ter sido no passado e vice-versa.

Nos Classificados, apresentamos uma nomeação conforme a publicação do jornal. Na *Folha de S. Paulo*, os Indicadores Econômicos não são editados no caderno de Classificados, mas no caderno de economia. Porém, esses indicadores parecem se assemelhar ao guia de preços que já aparece no caderno F. Optamos pela não definição desses indicadores como classificados pelo fato de possuírem uma página especial num caderno específico.

Embora tenhamos encontrado um gênero publicado com o nome de análise, consideramos que todo artigo é uma análise, na medida em que esses textos, principalmente o artigo, faz uma exploração de fatos e eventos. Desse modo, o texto publicado com a nomeação de análise na verdade é um artigo (que possui algumas espécies). A análise é uma categoria própria de todo texto dissertativo, conforme visto na superestrutura desse tipo;

O índice, a errata, a entrevista e os textos informativos podem exercer sua função sociocomunicativa em livros, revistas especializadas, dissertações, teses e documentos inseridos em várias comunidades discursivas. Dessa forma, não são gêneros exclusivamente jornalísticos.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Fratechi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BONINI, Aldair. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de Comunicação no Brasil? **Linguagem em (Dis)curso, Florianópolis**, v. 4, n. 1, jul./dez. 2003. Disponível em <<http://br.geocities.com/adbonini/>>. Acesso em: 20 de nov. de 2006

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**. São Paulo: Ática, 1993.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual de Redação**. São Paulo, 1992.

LAGE, N. **A reportagem, teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MANUAL GERAL DA REDAÇÃO. 2. ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 1987.

MARCUSCHI, L.A. **Análise da conversação**. 2. ed.. São Paulo: Ática, 1981.

\_\_\_\_\_. **Linguística de texto: o que é, como se faz**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1986.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais e ensino**. DIONÍSIO, A. P; BEZERRA, M; MACHADO, A. R. (orgs). Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

\_\_\_\_\_. Questão do Suporte dos Gêneros Textuais, **Outras Palavras 1**, João Pessoa, UFPB, 2003. No prelo.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia: um produto à venda**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

MEDINA, Jorge L. B. Gêneros jornalísticos: repensando a questão, **Revista Simposim**, Pernambuco, ano 5, n. 1, 2001.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Manual de Redação e Estilo**. São Paulo, 1990.

SILVA, POLLYANNA H. **Os gêneros jornalísticos e as várias faces da notícia**. 225f Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

SWALES, John M. **Genre Analysis** – English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAVAGLIA, L.C. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil**. 1991. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas (UNICAMP), Campinas 1991.

\_\_\_\_\_. A superestrutura dos textos injuntivos, **Anais de Seminário do Grupo de Estudos lingüísticos do Estado de São Paulo**, Jaú, v. 2, 1992, p.1290-1297.

\_\_\_\_\_. Gêneros definidos por atos de fala. In: ZANDWAIS, Ana (org.). **Relações entre pragmática e enunciação**. Porto Alegre: Sagra Luzatto, 2002, p. 129-153.

\_\_\_\_\_. Composição tipológica de textos como atividade de formulação textual, **Revista do GELNE**, Fortaleza, v. 4, n. 1, 2003a, p. 32-37.

\_\_\_\_\_. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa Maria O. Barbosa. **Língua Portuguesa e Ensino**. São Paulo: Cortez, EDUC, 2003b. No prelo.

\_\_\_\_\_. Tipologias textuais literárias e lingüísticas. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 146-157, jan./jun. 2004.

VAN DIJK, Teun A. Gramáticas textuais e estruturas narrativas. In: CHABROLC. Et al. **Semiótica narrativa e textual**. Trad. Brás. São Paulo: Cultrix, 1977.

\_\_\_\_\_. News schemata. In: COOPER, Charles R. e GREENBAUM, Sidney (eds). **Studying writing: linguistic approaches**. London/Beverly Hills/New Delhi: Sage Publications, 1986, p. 155-185.

# ANEXO A

## Liberdade com limites

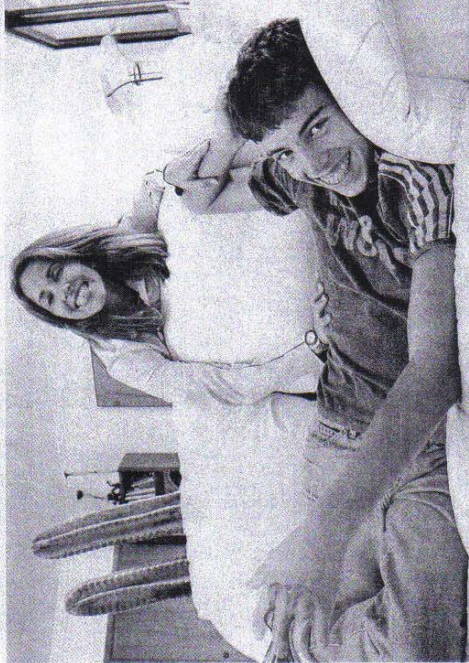
Vigilância cerrada é prisão e liberdade em excesso vira negligência. Como agir com os filhos adolescentes?

### EDUCAÇÃO

Vera Fiori

Gabriel, de 17 anos, não sabe, mas a sua mãe, Karina (nome fictício), o segue em shoppings, lan houses, cinemas, restaurantes. Faz questão de ser a motorista da turma, não importa se a balada acabar às 3 ou às 5 da manhã. O seu medo é que ele trapaceie, por mais que cumpra exatamente o combinado quanto aos locais e horários. "Até hoje, nunca aconteceu nada. O problema são os amigos", justifica-se.

Mas desconfiança e vigilância excessivas, como no caso acima, não são uma invasão de privacidade? Segundo o psiquiatra e escritor Içami Tiba, que acaba de lançar o livro *Adolescentes: Quem Amá, Educar!* (Integrare Editora, R\$ 39,90), se o filho vai bem nos estudos, cumpre os horários estabelecidos pelos pais nos fins de semana, extrapolando vez ou outra na volta da balada, não há por que projetar uma desgraça. "Já no caso oposto, se vai mal na



MAICOS MENDES/AF

NEM ADULTOS NEM BEBÊS - A apresentadora Lucila Pinto faz acordos com o filho Thomas, de 14 anos

de, isso é negligência." Mas nem sempre os problemas são visíveis, e cabe à família ler nas entrelinhas. "Frases como: fulano fumou maconha ou bebeu demais, fulana 'ficou' ou filha nega de pés juntos que jamais fez tais coisas, podem significar que ele ou ela esteja andando com amigos que usam drogas ou bebem", alerta o psiquiatra.

Embora em seu consultório alguns pais se autoproclamem os melhores amigos dos filhos, eles não podem confundir os pais, sob risco de perderem a au-

toridade na hora de cobrar uma atitude que reprovam. Sobre horários, o que pode e o que não pode, os pais devem ponderar e chegar a um acordo mútuo sobre a melhor forma de resolver impasses. "Em geral, a mãe cuida do bem-estar do filho e joga a segurança para o pai, mas devem pensar juntos, como numa equipe", orienta Tiba, que destaca a importância de estimular a responsabilidade desde a tenra infância, em pequenas coisas, como manter o quarto em ordem ou amarrar o cinto do tênis sozinho.

**BOAS DICAS**  
Muitas mães gostariam de ter o emprego de Lucila Pinto. No seu programa *Tamara e Família* na TV Cultura, a apresentadora recebe renomados educadores, que debatem assuntos ligados ao universo infanto-juvenil. "Confesso que uso muitas dicas em casa". Seguindo ela, não adianta tratar os adolescentes como bebês e nem fazer tudo o que pedem, porque, apesar do tamanho, eles não têm maturidade. Ela lembra, por exemplo, da vez em que Thomas, de 14 anos, pegou o seu carro novinho em folha escondido e bateu na garagem. "Foi uma coisa dura. Tive a repercussão financeira e, pior, a confiança foi traida." Além da bronca, o jovem teve de ajudar a pagar o conserto.

### Içami Tiba diz que se deve estimular a responsabilidade desde a infância

Trando o episódio do carro, Lucila não tem do que reclamar, pois o filho cumpre à risca os combinados. "As baladas em casas noturnas são proibidas, assim como entrar em programas. Ele só vai a festas em casas de amigos e em buffés que têm a supervisão de adultos. Deixo que volte de táxi para mostrar que tem autonomia. Conversar, ser amigável - mas sem ser amigúmbia - se interessa pelo círculo de amizades do filho, seguindo-a, ajuda e muito

## ANEXO B

FOLHA DE S.PAULO

BRASIL

## ESCÂNDALO DO "MENSALÃO"/PALOCCI NA MIRA

*Presidente soca púlpito para defender país, que 'navega com tranquilidade, sem tsunamis'*

# Lula diz que política econômica é do governo e não de ministro

EDUARDO SCOLESE

PEDRO DIAS LEITE

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Em tom de desabafo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva defendeu ontem em solenidade no Palácio do Planalto a atuação de Antonio Palocci no Ministério da Fazenda, disse que a política econômica é responsabilidade de todo o governo federal e afirmou que o país está crescendo mesmo diante de uma "crise do denunciamento". Disse ainda que a "pequenez eleitoral" não vai tirar a "seriedade" de sua administração.

Diante de ministros, empresários e parlamentares, mesmo admitindo "não entender muito de economia", Lula disse durante a sanção da chamada "medida provisória do bem" que os rumos dessa política não mudam nem por razões eleitorais e que — numa comparação do Brasil com um navio em alto-mar — o país navega com tranquilidade sem a possibilidade de ser atingido por um "tsunami".

"Que país e que governo cresceriam no ano de 2005 subordinados à crise de denunciamento que nós estamos vivendo neste país? Quem suportaria, qual interesse de um empresário alemão, inglês ou francês, sueco ou finlandês, venezuelano, argentino, iria querer investir no Brasil, se ele acessar a internet e vir a quantidade de matérias negativas contra o país como ele vê?", questionou o presidente, que completou: "Entretanto, mesmo com a profundidade da crise, mesmo com o denunciamento, até agora não provado, o dado concreto é que a economia brasileira continua funcionando,



Lula enxuga a testa na cerimônia de sanção da 'MP do Bem', ontem

os empregos continuam aparecendo, o PIB [Produto Interno Bruto] vai crescer."

Em seu discurso, que durou meia hora e no qual por seguidas vezes socou o púlpito à sua frente, o presidente disse que a "política econômica é muito menos mágica e muito mais seriedade".

A solenidade reuniu pela primeira vez num evento público os ministros Palocci e Dilma Rousseff (Casa Civil) desde que as discordâncias entre eles sobre gastos do governo se tornaram públicas.

Diante de Dilma, Lula elogiou Palocci em pelo menos dois momentos de sua fala improvisada. Primeiro, quando atribuiu ao ministro o êxito na aprovação da

"MP do Bem": "Eu quero aproveitar para dizer a todos vocês que esta medida não seria possível de acontecer se não fosse o trabalho do companheiro Palocci".

Depois, já no final de seu discurso, manifestou seu desejo de manter o ministro no comando da economia: "Quero dizer para vocês que o ministro Palocci é o meu ministro da Fazenda, escolhido por mim".

Lula fez questão de ressaltar, porém, que a política econômica é do governo, e não de Palocci, que permaneceu com semblante sério durante toda a fala de Lula.

"Neste governo, não tem política econômica do ministro Palocci, tem política econômica do go-

verno, que envolve toda a complexidade do que significa o governo. Se ela for bem, todo mundo ganha com a política econômica. Se ela for mal, todo mundo perde com a política econômica, isso é da história."

Nos primeiros dez minutos, Lula leu o discurso preparado por sua assessoria. O texto, aliás, já estava premeditado a fornecer recados sobre a política econômica. Foi do texto lido que o presidente afirmou que não mudará sua conduta por conta de razões eleitorais. "Continuarei fazendo na economia, como em todas as áreas de governo, aquilo que é melhor para o país. Não mudarei em nada a minha conduta por razões eleitorais. Estamos governando para as atuais e para as próximas gerações, não cortejei nem cortejarei o êxito fácil."

Já de improviso, saiu em defesa da política econômica e deu novas alfinetadas na imprensa, dizendo ter ficado "estarecido" ao ver seus elogios a Dilma, semana passada, nas manchetes dos jornais.

O discurso também foi todo recheado de ataques à oposição. Em diferentes momentos, em meio a raciocínios econômicos, Lula criticou seus antecessores e ligou a atual crise política a um clima eleitoral motivado por seus adversários. Na semana passada, num "lapso" segundo ele, Lula admitiu ser candidato à reeleição.

Ontem, porém, disse não estar preocupado com a disputa de 2006. "Não estou preocupado. Até porque muita mentira tem perna curta. E o povo brasileiro é mais sábio e mais inteligente do que aqueles que pensam pequeno podem compreender."

ANEXO C

**SAÚDE** *Paciente morreu no local na semana passada após hidrolipoaspiração*  
**Clínica de estética é interditada em SP**

FERNANDA BASSETTE  
FABIANE LEITE

DA REPORTAGEM LOCAL

Técnicos da Vigilância Sanitária da Secretaria de Estado da Saúde interditaram ontem a clínica de estética do médico Bruno Molinari, em São Paulo. O fechamento aconteceu cinco dias depois da morte da advogada Silvana Maria Turine Augusto, 37, após se submeter a uma hidrolipoaspiração no local. Molinari também mantém clínicas no Rio e Salvador.

Segundo a vigilância, a clínica não tem pias para realizar adequadamente a higienização, guarda medicamentos vencidos, não tem equipe de controle de infecção hospitalar e o centro cirúrgico não é adaptado.

A polícia também encontrou medicamentos vencidos na semana passada, um deles inutilizado desde abril deste ano. Quando os policiais chegaram, o local já estava organizado, e limpo, segundo o

**Médico diz que procedimento não é cirurgia**

DA REPORTAGEM LOCAL

Em nota enviada à reportagem, o médico Bruno Molinari afirma que o procedimento de hidrolipoaspiração é "reconhecido" pela Sociedade Brasileira de Medicina Estética como "procedimento estético", e não cirúrgico.

Na semana passada, quando a paciente de Molinari morreu

após passar pela técnica, a sociedade informou que este tipo de abordagem não é reconhecido pela entidade. Ontem reiterou a informação.

Segundo Wilmar Accursio, secretário-geral da sociedade, médicos usam o nome hidrolipoaspiração para convencer os pacientes de que se trata de uma técnica "mais leve". Mas, na verdade, trata-se de uma li-poaspiração que, pelas recomendações oficiais, deveria ser feita somente por cirurgiões —Molinari não tem título na área de cirurgia, segundo currículo enviado à reportagem.

delegado Maurício Del Trono Grosche. Foram recolhidas anotações sobre o atendimento em que Silvana informou ser alérgica à sulfa, substância presente em alguns tipos de antibiótico.

Segundo o depoimento de Molinari à polícia e as declarações do médico que o auxiliou, a paciente teve seis convulsões no local, recebeu um calmante e oxigênio, e foi levada em carro particular até o

hospital Santa Rita. Em nota oficial, o hospital afirma que ela chegou morta. Molinari contesta e diz que ela ainda estava viva.

Molinari diz ainda, também por nota oficial, que o endocrinologista Filippo Pedrinola prescreveu uma série de remédios para Silvana, como drogas psiquiátricas, fitoterápicos, diuréticos, hormônios e uma droga desconhecida, chamada "hoida". Molinari, porém, afirma que a paciente omitiu isso e que só soube dos remédios depois da morte, pela família.

Em nota, Pedrinola afirma que receitou medicamentos "leves" e que recomendou exercícios.

O conselho de medicina do Estado de São Paulo abriu uma investigação sobre o caso. A polícia ainda não tem previsão sobre o término do laudo sobre a morte. "Hoje não podemos falar que houve negligência", afirmou o delegado. Para ele, também "é prematuro" relacionar a morte com o uso abusivo de remédios.

Folha de São Paulo, São Paulo, 22 nov. 2005. Cotidiano, p. C4.

ANEXO D

**Assalto ao BC  
Mulher de preso  
é seqüestrada**

●● Bando obrigou mulher a indicar onde estava dinheiro do roubo. ● PÁG. C1

O Estado de São Paulo, São Paulo, 27 nov. 2005. Capa.

## ANEXO E

**“O que houve neste governo foi uma racionalização do uso dos recursos de publicidade institucional da administração direta, por meio de sua centralização na Secom e da negociação de preços com os veículos de comunicação.”**

*Luiz Gushiken, secretário de Comunicação de Governo e Gestão Estratégica da Presidência da República, tentando explicar o inexplicável*

Veja, n. 31, p. 53, ago. 2005.

## ANEXO F

### O FIM DE UMA AGÊNCIA

A publicitária **Magy Imoberdorf** ficou famosa por criar slogans como “Uma boa idéia” para a cachaça 51 e “Incomodada ficava a sua avó” para o Tampax. No mês passado, seus sócios da Talent avisaram que querem pôr fim à sociedade na Lage’Magy. A decisão apavorou os clientes, que resolveram trocar de agência. Depois de 35 anos no mercado, a Lage’Magy fechará as portas, encerrando uma crise



que começou em 2001. Desde então, perdeu 60% de sua receita. Magy tentará voltar à tona em 2006.

Veja, n. 31, p. 43, ago. 2005.



## ANEXO G



Folha de São Paulo, São Paulo, 27 nov. 2005. Cotidiano, p. C2.

## ANEXO H



O Estado de São Paulo, São Paulo, 27 nov. 2005. Capa.